



**Relatório de Prospetiva:
Cenários para a Sucessão do Papa Francisco**

Usando Sinais Fracos, Simulações de Votação e Construção de Cenários

Gustavo Cardoso e Carlos Picassinis

Abril de 2025

Autores

Gustavo Cardoso é Professor Catedrático de Ciências da Comunicação no Iscte-IUL, Investigador do CIES-Iscte, responsável pelo MediaLab e tem trabalhado na teorização e aplicabilidade da metodologia de *Weak Signals-Sinais Fracos* a cenários eleitorais.

Carlos Picassinos é doutorando em Ciências da Comunicação no Iscte-IUL e investigador no MediaLab. Foi correspondente do Público em Roma, e no Vaticano, durante o pontificado de João Paulo II. Trabalhou na Rádio Vaticano e escreveu de Macau sobre o fenómeno religioso na China e na Ásia. Colaborou ainda com o 7Margens, jornal digital de religiões, espiritualidades e culturas.

Sumário Executivo

Este relatório prospetivo explora possíveis cenários para a sucessão do Papa Francisco, aplicando ferramentas de *futures thinking* como análise de sinais fracos, simulação estratégica e modelagem da dinâmica de votação.

Com base nos perfis de 22 *papabili* (potenciais candidatos), o relatório combina critérios qualitativos e dados simulados do conclave para identificar caminhos plausíveis para os resultados da eleição papal.

O objetivo é captar a complexidade de um processo moldado por expectativas teológicas, dinâmicas globais da Igreja e realinhamentos de facções dentro do Colégio de Cardeais.

Neste exercício foram desenvolvidos 3+1 cenários prospetivos com o objectivo de determinar a menor ou maior probabilidade de eleição de um dos 22 cardeais *papabili* como sucessor de Francisco.

O relatório apresenta 3 cenários, cada um deles com três potenciais *papabili*. Sendo o cardeal *papabili* mais vezes repetido nos cenários aquele que reúne mais possibilidades de eleição final.

Adicionalmente, no caso de surgir algum cardeal *papabili* português, como foi o caso de Tolentino de Mendonça, foi desenvolvido um cenário adicional que procura responder à pergunta: o que é necessário para Tolentino de Mendonça ser eleito Papa no conclave.

Os três cenários iniciais foram construídos tendo por base o conclave de 2013 onde ocorreu a eleição de Francisco, já o cenário adicional foi desenvolvido com base no conclave que levou à eleição de João Paulo II.

O primeiro cenário é o da “**Continuidade**” para com o papado anterior de Francisco e inclui como os três mais prováveis cardeais candidatos à escolha para próximo Papa: Matteo Maria Zuppi, Arcebispo de Bolonha (Candidato da Paz); Pietro Parolin, Secretário de Estado do Vaticano (Candidato da Curia); e Luís António Tagle, ex-arcebispo de Manila, Filipinas e actual Prefeito do Dicastério para a Evangelização (Candidato Evangelizador).

O segundo cenário é o da “**Surpresa**” e inclui como os três mais prováveis cardeais candidatos à escolha para próximo Papa: Pietro Parolin, Secretário de Estado do Vaticano (Candidato da Curia); Fridolin Ambongo Besungu, Presidente do Simpósio das Conferências Episcopais de África e Madagascar

(Candidato do Sul Global); e Jean-Marc Aveline, Arcebispo de Marselha (Candidato da Proximidade e Diálogo).

O terceiro cenário foi criado com base na identificação de sinais fracos entre os 22 cardeais *papabili* referentes às seguintes dimensões: Alinhamento com as prioridades emergentes da Igreja (por exemplo, sinodalidade, ecologia, justiça social, evangelização); Representação de periferias (geográficas, ideológicas, institucionais); Influência inesperada ou perfil em ascensão; Liderança em contextos de crise ou transição cultural; Capacidade de diálogo entre reformistas e conservadores.

O terceiro cenário é designado como a “**Força dos Fracos**” e inclui os três mais prováveis cardeais candidatos à escolha para próximo Papa: Jean-Marc Aveline, Arcebispo de Marselha (Candidato da Proximidade e Diálogo); Matteo Maria Zuppi, Arcebispo de Bolonha (Candidato da Paz); e José Tolentino de Mendonça, Prefeito do Dicastério para a Cultura e a Educação (Candidato da Empatia).

Nenhum dos cardeais presentes nos três cenários está presente em mais do que dois cenários. Os cardeais *papabili* que estão presentes em dois dos três cenários prospectivos foram, respectivamente: Jean-Marc Aveline, Arcebispo de Marselha (Candidato da Proximidade e Diálogo); Matteo Maria Zuppi, Arcebispo de Bolonha (Candidato da Paz) e Pietro Parolin, Secretário de Estado do Vaticano (Candidato da Curia).

Ao introduzir uma simulação de votação estratégica com os candidatos presentes nos três cenários e uma majoração estratégica para candidatos surpresa, o resultado prospectivo apurado foi a eleição de Jean-Marc Aveline, Arcebispo de Marselha (Candidato da Proximidade e Diálogo).

Nesta simulação de votação estratégica, José Tolentino de Mendonça foi o terceiro mais votado com 15 votos na ronda final de votação. Perante este resultado foi colocada a questão sobre o que seria necessário para poder vencer a votação e ser eleito Papa.

A resposta a essa pergunta implica a repetição de um contexto similar ao do conclave de 1978 que elegeu João Paulo II, ou seja, um cenário de “Ruptura” com o passado. Para tal, teriam que ocorrer um conjunto de acções e eventos, tanto directamente geríveis por si e seus potenciais apoiantes, como autónomas da sua decisão.

Assim, uma potencial vitória do cardeal José Tolentino de Mendonça necessitaria de uma reconfiguração da sua imagem perante os seus pares, de poeta a profeta, como uma voz profética para um mundo ferido, um Papa que compreendesse a alma da humanidade em crise e não só das instituições da Igreja.

O cardeal José Tolentino de Mendonça necessitaria igualmente de formar alianças estratégicas pré-conclave unindo blocos diversos. Nomeadamente, unir os moderados curiais que não pretendem rupturas, os cardeais do sul global que valorizam a perspectiva lusófona e os europeus que apreciam a sua inteligência e ausência de radicalismo.

Na dimensão externa ao controle dos *papabili* teria de ocorrer no próximo mês uma crise internacional envolvendo religião e cultura, bem como um conjunto de escândalos ou impasses institucionais na Cúria.

No próprio processo eleitoral do conclave, teria de ocorrer uma viragem decisiva nas expectativas face às votações em Matteo Zuppi e Jean-Marc Aveline. Tal implicaria que um grupo de cardeais latino-americanos alavancassem Tolentino como um unificador silencioso. Pois seriam necessários cerca de 45 votos iniciais para que as probabilidades de vencer sejam elevadas.

Para uma potencial eleição, o Cardeal Tolentino de Mendonça necessitaria de cerca de 20 a 25 votos de um bloco lusófono e cultural curial, junto a 10 a 15 votos de cardeais da América Latina cansados de polarização, mais 10 votos da Europa equidistante e, por fim, o apoio dos cardeais da África e Ásia apoiando um candidato que escuta e tem perfil global.

Pelas razões expostas nos parágrafos anteriores, embora nada seja impossível, a eleição de um cardeal português como próximo Papa afigura-se como particularmente difícil e pouco provável à data deste relatório.

No entanto, a partir do momento que se entrar na sala do conclave e este tiver início todas as considerações anteriores podem desvanecer-se. Pois tudo dependerá de até que ponto a decisão humana e a sucessão guiada pelo Espírito Santo se alinharem.

1. Introdução ao Relatório de Prospectiva

Na análise que a seguir se apresenta, importa em primeiro lugar ter presente que o contexto do actual conclave não só é diferente face aos dois momentos históricos anteriormente referidos, como também a composição dos cardeais eleitores e elegíveis é, também ele, diferente.

No conclave de 1978, o colégio eleitoral era fortemente europeu e italiano, resultado das nomeações de Paulo VI. A eleição de Karol Wojtyła (João Paulo II), foi a primeira ruptura significativa na sequência de Papas italianos, mas a composição do colégio ainda favorecia os perfis europeus e curiais.

Em 2013, cerca de trinta anos passados desde a eleição de João Paulo II e apesar de ainda haver predominância europeia, o colégio cardinalício já apresentava uma presença ampliada da América Latina e de outras regiões do mundo. Tal, permitiu a eleição de Jorge Mario Bergoglio (Papa Francisco), argentino, que capitalizou o voto em si nomeadamente pela insatisfação com o fechamento curial e pela possibilidade de trazer para Roma uma visão da Igreja periférica.

No actual conclave de 2025, a composição é fruto da política de nomeações de Francisco, que escolheu cardeais das “periferias”, com forte ênfase em África, Ásia, América Latina e regiões consideradas fora dos centros tradicionais de poder. Esse processo de nomeações tornou o colégio mais diverso e menos previsível, aumentando as possibilidades numéricas de eleição de um Papa não europeu ou de um candidato fora dos tradicionais círculos curiais.

Resumo das Diferenças-Chave entre Conclaves

Conclave	Maioria Europeia	Predomínio Curial	Diversidade Geográfica	Tendência Pastoral	Nomeações do Papa Atual
1978	Sim	Sim	Baixa	Baixa	Paulo VI (quase total)
2013	Sim (mas menor)	Parcial	Média	Média-alta	Bento XVI e João Paulo II
2025	Menor	Baixo	Alta	Alta	Francisco (80%)

A trajetória entre 1978 e 2013 pode ser lida como um movimento gradual de descentralização e diversificação, tanto geográfica quanto pastoral, acompanhada de uma redução do domínio da Cúria Romana sobre o processo eletivo. Esta deslocação aumentou a imprevisibilidade dos conclaves, criando condições para

a emergência de Papas com perfis não conforme ao modelo tradicional euro-curial, como foi o caso do Papa Francisco.

Resumo das Diferenças-Chave entre Conclaves

Elemento	1978 (João Paulo I e II)	2005 (Bento XVI)	2013 (Francisco)	2025 (Sucessão de Francisco)
Número de cardeais eleitores	111	115	115	135
Idade máxima para votar	80 anos (regra de Paulo VI)	80 anos	80 anos	80 anos
Nomeações pelo papa anterior	Quase todos nomeados por Paulo VI	Cerca de 98% nomeados por João Paulo II	67% por Bento XVI, 33% por João Paulo II	Cerca de 80% nomeados por Francisco
Proporção de europeus	Cerca de 60% (forte domínio italiano)	Cerca de 50%, italianos ainda muito fortes	Cerca de 52%, com declínio dos italianos	Cerca de 41%, declínio europeu contínuo
Proporção da América Latina	Muito baixa	Crescente, mas ainda minoritária	16% (maior bloco após Europa)	18% (aumento da América Latina)
Proporção da África e Ásia	Quase inexistente	Começa a crescer moderadamente	Cerca de 9% África e 9% Ásia	África 14%, Ásia 14%
Perfil dominante	Curiais, europeus, especialmente italianos	Curiais, próximos a João Paulo II	Mistura de curiais e líderes pastorais	Majoria pastoral, forte presença das periferias
Peso dos bispos diocesanos vs. curiais	Forte peso curial	Predomínio curial, mas presença diocesana	Majoria de bispos diocesanos	Predomínio de bispos diocesanos sobre curiais
Tendência ideológica dominante	Conservadorismo doutrinal, foco disciplinar	Conservadorismo, continuidade de João Paulo II	Polarização entre reformistas e tradicionalistas	Abertura sinodal com tensões internas
Diversidade cultural e regional	Muito baixa	Baixa-média	Consideravelmente mais diversa	Alta diversidade, presença global marcante

A evolução presente nos quadros anteriores não significa a ausência de tensões internas, mas sim a ampliação do horizonte de possibilidades, o que contribui para cenários mais complexos e difíceis de antecipar, especialmente quando se utilizam apenas as lógicas lineares das apostas centradas nas biografias e da experiência curial dos cardeais.

Distribuição Geográfica dos Cardeais Eleitores – Conclave de 2025

Região	Número de Cardeais	Porcentagem (%)
Europa	53	39,3%
Ásia	23	17,0%
América do Norte	20	14,8%
África	18	13,3%
América do Sul	17	12,6%
Oceania	4	3,0%
Total	135	100%

Com este relatório procurou-se a construção de uma via alternativa aos modelos preditivos mais vezes presentes nos órgãos de comunicação social, os quais se baseiam fortemente na política curial, na visibilidade mediática ou na nacionalidade.

2. O Conclave de 2013: Lições e Padrões

Quando o Papa Francisco foi eleito em março de 2013, o seu nome - Jorge Mario Bergoglio - estava praticamente ausente das principais previsões feitas pelos vaticanistas e comentadores dos meios de comunicação social.

O conclave de 2013, que se seguiu à histórica demissão do Papa Bento XVI, foi acompanhado de uma especulação intensa quanto ao seu resultado. Iremos apresentar de seguida algumas das previsões feitas então e analisar as mesmas e a forma como divergiram do resultado efetivo.

2.1 Previsões dos vaticanistas e resultados inesperados

Antes do conclave, os observadores do Vaticano e as casas de apostas faziam circular uma lista de *papabili* - aqueles que eram considerados mais prováveis de serem eleitos papa. Os nomes mais comuns incluíam:

1. Angelo Scola (Itália) - Arcebispo de Milão, considerado um líder conservador com credenciais intelectuais e fortes laços com Bento XVI.
2. Marc Ouellet (Canadá) - Prefeito da Congregação para os Bispos, apoiado por muitos dentro da Cúria Romana.
3. Peter Turkson (Gana) - Presidente do Conselho Pontifício para a Justiça e a Paz, considerado um possível primeiro Papa africano.
4. Odilo Pedro Scherer (Brasil) - Arcebispo de São Paulo, visto como um candidato de compromisso da América Latina.
5. Timothy Dolan (EUA) - Arcebispo de Nova Iorque, carismático e conhecedor dos media, embora fosse visto como um candidato externo.
6. Luis Antonio Tagle (Filipinas) - Jovem e pastoral, visto como uma estrela em ascensão, mas com escassa influência.

Bergoglio, foi mencionado apenas ocasionalmente e quase sempre como uma hipótese remota. Na verdade, tinha recebido o segundo maior número de votos no conclave de 2005 (depois de Ratzinger), mas em 2013 era visto como demasiado velho (76 anos) e não fazia parte do círculo íntimo da Cúria. O seu nome raramente aparecia nas listas dos 5 ou 10 mais votados das casas de apostas.

O desvio entre as previsões e a realidade foi significativo. Bergoglio não era um dos principais candidatos na maioria das listas. Os meios de comunicação social, os correspondentes do Vaticano e até as bolsas de apostas sobrestimaram largamente os candidatos europeus, especialmente os italianos. A eleição de Bergoglio terá reflectido um desejo de reforma e de representação do Sul global, especialmente da América Latina - um fator subestimado na maioria das previsões.

Como era publicamente visto à data Jorge Bergoglio? Era visto como humilde, com espírito reformista e desligado da Cúria Romana, tinha uma reputação de trabalho pastoral, vida simples e posições fortes em matéria de justiça social. Era considerado como um construtor de pontes e alguém que poderia revitalizar a imagem global da Igreja.

Alguns jornalistas, como John L. Allen Jr., tinham apontado Bergoglio como um possível candidato de compromisso, mas com uma baixa probabilidade de sucess. A imprevisibilidade do Espírito Santo é frequentemente invocada nos conclaves, mas, em termos práticos, a sua eleição revelou os limites dos modelos preditivos que se baseiam fortemente na política curial, na visibilidade mediática ou na nacionalidade.

A análise pré-conclave colocou uma ênfase excessiva na experiência curial. Os analistas muitas vezes davam prioridade a candidatos com vasta experiência administrativa no Vaticano, o que Bergoglio não tinha. A eleição de Bergoglio sublinhou, assim, a imprevisibilidade dos conclaves papais e as limitações das previsões externas.

2.2 Análise da progressão da votação

De acordo com a informação disponível, a votação de 2013 desenrolou-se da seguinte forma:

Primeira votação: Scola lidera com 30 votos, seguido de Bergoglio com 26.

Segunda votação: Bergoglio ganha força, obtendo 45 votos contra 38 de Scola.

Terceira votação: Bergoglio aumenta a sua vantagem com 56 votos.

Quarta votação: Aproximou-se da maioria necessária de dois terços, com 67 votos.

Quinta votação: Bergoglio foi eleito com 85 votos, ultrapassando então o limiar necessário.

Estes números ilustram como o apoio de Bergoglio cresceu de forma constante, levando à sua eventual eleição.

2.3 Razões para a eleição de Jorge Mario Bergoglio

Vários factores contribuíram para a eleição de Bergoglio. Entre esses, os três seguintes parecem surgir como os mais importantes:

1. Desejo de reforma: A sua reputação de humildade e o seu foco no cuidado pastoral ressoaram entre os cardeais que procuravam a mudança.
2. Representação global: Sendo o primeiro Papa latino-americano, a sua eleição assinalou uma mudança no sentido do reconhecimento da diversidade global da Igreja.
3. Criador de consenso: Bergoglio foi visto como uma figura unificadora capaz de fazer a ponte entre as divisões dentro da Igreja.

O conclave de 2013 colocou em evidência os desafios da previsão das eleições papais. Apesar da extensa especulação, o Colégio dos Cardeais acabou por escolher um candidato que incorporava as qualidades que consideravam necessárias para o futuro da Igreja, sublinhando a natureza inerentemente imprevisível do conclave.

2.4 Implicações de 2013 para o conclave de 2025

À luz do recente falecimento do Papa Francisco, a 21 de abril de 2025, o Colégio dos Cardeais está a preparar um conclave para eleger o seu sucessor. Dado que cerca de 80% dos actuais cardeais-eleitores foram nomeados pelo próprio Francisco, muitos antecipam que o próximo papa poderá continuar a sua visão reformista e pastoral.

No entanto, como a história tem mostrado - principalmente com a eleição inesperada de Francisco em 2013 - o resultado de um conclave pode desafiar as previsões.

Em 2013, o Cardeal Jorge Mario Bergoglio não estava entre os principais candidatos, mas surgiu como uma escolha consensual, apelando a um vasto espectro de cardeais que procuravam reformas e uma perspectiva global. Se se verificar uma dinâmica semelhante no próximo conclave, podemos esperar um candidato que não esteja na linha da frente nas discussões actuais.

Os nomes dos cardeais Pietro Parolin, Matteo Zuppi e Luis Antonio Tagle são os mais frequentemente mencionados, na imprensa e nas análises dos comentadores, mas o próximo Papa poderá ser alguém menos proeminente na cena mundial.

Um breve resumo dos três principais candidatos é de seguida apresentado:

1. Matteo Maria Zuppi (Itália, 69 anos); Cargo: Arcebispo de Bolonha, presidente da Conferência Episcopal Italiana; Perfil: Progressista, muito próximo das ideias pastorais e sociais de Francisco; Ligado à Comunidade de Santo Egídio (focada em mediação de paz e diálogo inter-religioso) foi um dos protagonistas dos Acordos de Paz de Moçambique, em 1993; Popular dentro e fora da Itália, com bom trânsito entre diferentes alas da Igreja; Ponto forte: Poderia representar continuidade das reformas sem radicalização.
2. Pietro Parolin (Itália, 70 anos); Cargo: Secretário de Estado do Vaticano; Perfil: Diplomata experiente, mais associado à estabilidade e à tradição curial; Destaques: Conduziu negociações delicadas, incluindo o acordo Vaticano-China; Visto como um "candidato de compromisso" entre progressistas e conservadores; Ponto forte: Forte base política na Cúria, com imagem de gestor confiável.
3. Luis Antonio Gokim Tagle (Filipinas, 67 anos); Cargo: Prefeito do Dicastério para a Evangelização; ex-arcebispo de Manila; Perfil: Alinhado com a visão pastoral de Francisco, com forte apelo missionário e carismático; Destaques: Comunicador nato, próximo das comunidades pobres e dos migrantes, com forte envolvimento em temas como evangelização intercultural, diálogo inter-religioso e cuidado pastoral das periferias. Ponto forte: Figura de consenso para muitos cardeais, especialmente aqueles que desejam manter o rumo sinodal e evangelizador.

A escolha dos três nomes anteriores releva para um conjunto de características potencialmente procuradas no próximo Papa, as quais poderão corresponder a:

1. Encarnar um equilíbrio entre tradição e reforma. Um candidato que respeite as tradições da Igreja e, ao mesmo tempo, abrace a necessidade de modernização e inclusão pode obter um apoio generalizado.
2. Representar o Sul global. Continuando a ênfase de Francisco na representação global, um papa de África, Ásia ou América Latina poderia ser visto como uma figura unificadora para a Igreja mundial.

Embora seja tentador concentrarmo-nos nos candidatos mais visíveis, o resultado do conclave pode depender do aparecimento de uma figura que, tal como Francisco, encarne as aspirações da Igreja à unidade, à inclusão e ao alcance global. Como tal, os observadores devem permanecer abertos à possibilidade da emergência de uma personalidade menos notória reflectindo a natureza diversa e dinâmica da Igreja Católica atual.

Considerando os factores e considerações anteriores, importa referir alguns cardeais que poderiam emergir como escolhas surpresa, nomeadamente:

1. Cardeal Fridolin Ambongo Besungu (República Democrática do Congo): Conhecido pelo seu empenho na justiça social e nas questões ambientais, representa a crescente influência da Igreja africana.
2. Cardeal Jean-Marc Aveline (França): Com um historial de diálogo inter-religioso e uma reputação de sensibilidade pastoral, poderá agradar tanto a reformistas como a tradicionalistas.
3. Cardeal Mario Grech (Malta): Como Secretário-Geral do Sínodo dos Bispos, tem experiência na promoção do diálogo e do consenso no seio da liderança da Igreja.
4. Cardeal Fernando Filoni (Itália): Grão-Mestre da Ordem Equestre do Santo Sepúlcro de Jerusalém. É uma das figuras centrais da diplomacia vaticana com especial intervenção nos contextos das Igrejas Orientais. Foi núncio apostólico na Jordânia, enviado ao Iraque em 2014 perante a ameaça do Estado Islâmico às comunidades cristãs. Foi ainda o homem do Papa nas negociações com Pequim, visitou várias vezes Hong Kong e ainda Macau.
5. Cardeal Sérgio da Rocha (Brasil): O Primaz do Brasil, arcebispo de São Salvador, um dos sete brasileiros no conclave, é um nome na América Latina que começa a chamar as atenções. Sendo um outsider, e não estando na Cúria em Roma, foi chamado por Francisco para integrar o chamado G9 - o Conselho de Cardeais criado pelo Pontífice, em 2013, para o auxiliar no governo da Igreja.
6. Cardeal Robert Francis Prevost (EUA): Actual prefeito da Congregação dos Bispos, tem uma forte relação com a América Latina, em concreto no Perú, dada a vasta acção evangélica, pelo menos desde a década de oitenta do século passado, com os Agostinianos (de quem o vice presidente norte-americano reclama inspiração para a política migratória). Um período em que o país conheceu os fenómenos da extrema esquerda ligados ao Sendero Luminoso até mais recentemente como administrador apostólico e bispo. Trata-se de uma figura empenhada no processo sinodal inaugurado por Francisco, em 2021, aberto à colegialidade e à escuta das comunidades locais.
7. Cardeal Anders Arborelius (Suécia): Bispo de Estocolmo, foi o primeiro cardeal da Suécia desde a reforma luterana. Foi nesta igreja que iniciou o seu percurso espiritual acabando por aderir ao catolicismo através da Ordem dos Carmelitas Descalços. Durante a sua passagem pelo mosteiro de Svalov, no sul da Suécia, revelou-se na capacidade de renovação eclesial falando a agnósticos e ateus sendo, mesmo, responsável por várias conversões. É considerado uma figura de particular carisma no diálogo ecuménico e interreligioso, empenhado defensor dos direitos dos

imigrantes. Os seus escritos manifestam uma procura por novos caminhos da Igreja Católica numa Europa em acelerada descristianização.

8. Cardeal Lázaro You Heung-sik (Coreia do Sul). O Prefeito da Congregação para o Clero é um dos nomes asiáticos que adquiriu protagonismo ao longo do pontificado. Membro do movimento focolar, liderou a Comissão para a Paz da Conferência Episcopal sul-coreana tendo estado quatro vezes na Coreia do Norte em sessões de negociação para a paz e reconciliação entre os irmãos desavindos da península.
9. Cardeal Claudio Gugerotti (Itália). Prefeito da Congregação para as Igrejas Orientais. É considerado um pupilo do falecido cardeal Achille Silvestrini, uma figuras preponderantes do pontificado de João Paulo II. Doutorado em Ciências Eclesiásticas no Instituto Pontifício Oriental, foi antes Núncio Apostólico, no Cáucaso, e mais tarde, com Bento XVI, na Bielorrússia. Francisco transferiu-o para a representação apostólica da Ucrânia onde permaneceu até 2020. Nas celebrações pascais, deste ano de 2025, o responsável pela condução do Rito da Semana Santa ao qual compareceu, também, o vice-presidente norte-americano J.D. Vance.
10. Cardeal Charles Maung Bo (Myanmar). Entre os outsiders, o cardeal de Rangun, capital histórica da antiga Birmânia, surge como uma das vozes de timbre mais conservador e menos alinhado com o legado de Francisco, no quadro dos chamados “cardeais das Dubia” – Brandmüller (Alemanha), Burke (EUA), Sandoval Íñiguez (México), Sarah (Guiné) e Zen (Hong Kong) que questionaram o Papa antes da abertura do Sínodo em Outubro de 2023. O purpurado lidera uma comunidade cristã ultra-minoritária que sobrevive num ambiente de elevada conflitualidade religiosa e refém de um conflito armado pouco menos que esquecido.

3. Cenários para a Sucessão Papal de 2025

Podemos explorar três cenários presentes na actual discussão pública liderada pelos meios de comunicação social e vaticanistas, os quais consideram o equilíbrio ideológico, a representação geográfica e a possibilidade de um candidato surpresa emergir como uma escolha consensual.

Cenário 1: O candidato da continuidade

Neste cenário, os cardeais procuram manter a trajetória pastoral e reformista iniciada pelo Papa Francisco. Um candidato que encarne estes valores e tenha experiência na diplomacia do Vaticano poderia emergir como a escolha preferida.

Potencial candidato: Cardeal Pietro Parolin (Itália, 70 anos): Como Secretário de Estado do Vaticano, Parolin é conhecido pela sua perspicácia diplomática e

experiência administrativa. É visto como uma figura que poderia dar continuidade às políticas de Francisco com uma abordagem mais ponderada. A vasta experiência diplomática de Parolin, incluindo o seu papel nas relações do Vaticano com a China, posiciona-o como uma figura estabilizadora. A sua nacionalidade italiana e seu histórico curial podem atrair os cardeais que favorecem um retorno às estruturas tradicionais, mantendo os ideais reformistas.

Cenário 2: O Sul Global emerge

Reflectindo a crescente influência do Sul Global na Igreja Católica, os cardeais podem eleger um Papa da África, Ásia ou América Latina para enfatizar a representação global e a inclusão.

Candidato potencial: Cardeal Fridolin Ambongo Besungu (República Democrática do Congo, 65 anos): Conhecido pelo seu empenho na justiça social e nas questões ambientais, Ambongo representa a vibrante e crescente Igreja Africana. Liderança de Ambongo na abordagem dos desafios sociais e ambientais alinha-se com a missão da Igreja no Sul Global. A sua eleição significaria uma continuação da ênfase de Francisco nas periferias e nas comunidades marginalizadas.

Cenário 3: O Consenso Surpresa

Traçando paralelos com a eleição inesperada do Papa Francisco em 2013, os cardeais poderiam unir-se em torno de uma figura menos conhecida que encarna a unidade e o cuidado pastoral, fazendo a ponte entre as divisões dentro da Igreja.

Candidato potencial: Cardeal Jean-Marc Aveline (França, 66 anos): Como arcebispo de Marselha, Aveline é reconhecido pelos seus esforços de diálogo inter-religioso e sensibilidade pastoral. A formação de Aveline em teologia e filosofia, aliada à sua experiência numa diocese multicultural, posiciona-o como uma figura unificadora. A sua eleição reflectiria o desejo de um Papa capaz de navegar em paisagens culturais e religiosas complexas com empatia e intelecto.

Estes cenários ilustram as considerações multifacetadas que o Colégio dos Cardeais poderá ter em conta na eleição do próximo Papa. Apesar de existirem candidatos que estão na linha da frente, a história do conclave sugere que um candidato consensual poderá emergir de zonas inesperadas, encarnando as prioridades em evolução da Igreja e a sua natureza global.

4. A Metodologia dos Sinais Fracos Aplicada ao Conclave

4.1 O que são sinais fracos?

A metodologia dos sinais fracos é uma ferramenta valiosa nos estudos de futuros e no planeamento de cenários. É utilizada para detetar indicações precoces e subtis de potenciais tendências emergentes, perturbações ou mudanças - aquilo a que podemos chamar o “canário na mina de carvão”. Estes sinais são muitas vezes ambíguos ou fragmentários, mas podem ajudar a moldar cenários plausíveis e inovadores se forem explorados em profundidade.

O que são sinais fracos? Sinais precoces de uma mudança potencialmente significativa. São sinais muitas vezes negligenciados ou descartados por não terem provas sólidas ou por ainda não serem correntes. Podem inicialmente parecer irrelevantes, periféricos ou contraditórios ou podem desafiar os pressupostos dominantes ou revelar contradições emergentes no sistema atual.

4.2 Metodologia de identificação e amplificação de sinais

A metodologia de sinais fracos na construção de cenários implica a deteção de sinais através da recolha de ideias, opiniões, práticas, inovações e debates emergentes em todos os campos (media, tecnologia, religião, sociedade, etc.). Implica, igualmente, utilizar diversas fontes, desde entrevistas a especialistas, “literatura cinzenta”, revistas académicas, redes sociais e vozes marginais.

Após essa recolha, há que produzir sentido, isto é, analisar as potenciais implicações de cada sinal, agrupar sinais fracos relacionados em temas ou prototendências e proceder à sua amplificação. Ou seja, perguntar que mudanças importantes poderão ocorrer se este sinal se fortalecer ou convergir com outros?

Para tal, importa considerar pontos de inflexão, resistência e potenciais aceleradores na tentativa de enquadrar cenários. Utilizam-se, assim, os sinais amplificados para construir futuros alternativos, especialmente os não óbvios ou contra-intuitivos. Nesse processo, combinam-se tendências dominantes com sinais fracos para contrastar o *business-as-usual* vs. *futuros emergentes*.

Aplicar esta metodologia de sinais fracos à sucessão papal, implica procurar sinais fracos para revelar temas emergentes na dinâmica da Igreja, tais como a crescente proeminência de cardeais de regiões afectadas pelo clima; a sinodalidade como uma mudança cultural em vez de um debate estrutural; o surgir de pastores digitais e conhecedores dos media em ambientes tradicionalmente de baixa tecnologia; movimentos silenciosos mas consistentes em direção à liderança feminina em funções não sacramentais da Igreja; ou ainda cardeais de baixo perfil que falam sobre ética da IA, justiça ou pobreza clerical.

Estes são apenas alguns dos muitos exemplos potenciais, mas que podem apontar para cardeais “inesperados” que estão posicionados silenciosamente à beira da transformação, tal como, de algum modo, Bergoglio estava em 2013.

4.3 Aplicação à lista de 22 *papabili*

Na busca de aplicação de uma metodologia de sinais fracos ao conclave de 2025 começámos por aplicar a metodologia à lista de 22 cardeais de *papabili* proposta pelo *College of Cardinals Report* para identificar os 5 principais candidatos papais mais plausíveis, concentrando-nos não apenas em traços convencionais (como experiência curial ou idade), mas em temas emergentes, indicadores marginais e tendências subtis que poderiam ecoar a eleição surpresa do Papa Francisco.

A construção dos cenários com base em sinais fracos teve como objetivo identificar cardeais que, embora fora dos radares mediáticos ou das apostas tradicionais, apresentam elementos simbólicos, teológicos e estratégicos que podem convergir para a eleição papal.

Cada um dos 22 cardeais foi avaliado segundo a presença de sinais como:

- Alinhamento com as prioridades emergentes da Igreja (por exemplo, sinodalidade, ecologia, justiça social, evangelização);
- Representação de periferias (geográficas, ideológicas, institucionais)
- Influência inesperada ou perfil em ascensão
- Liderança em contextos de crise ou transição cultural
- Capacidade de diálogo entre reformistas e conservadores

Explorou-se como esses sinais podem ganhar relevância dentro do Colégio Cardinalício, especialmente entre os eleitores que aí procuram:

- Continuidade com Francisco sem repetir o seu estilo.
- Renovação espiritual e pastoral sem ruturas ideológicas.
- Símbolos fortes de universalidade e unidade.

Seguidamente procedeu-se à amplificação dos sinais explorando como esses sinais fracos podem ressoar dentro do Colégio de Cardeais - especialmente entre os eleitores que buscam consenso, continuidade ou rutura simbólica.

Por fim, procedeu-se à integração de cenários, simulando um cenário semelhante ao conclave de 2013, no qual uma figura menos conhecida, mas simbolicamente potente, ascende. O resultado é espelhado no ponto seguinte.

5. Análise dos Candidatos com Base nos Sinais Fracos

1. Cardeal Jean-Marc Aveline (França, 66 anos, diocesano). Sinais-chave: Forte experiência inter-religiosa (particularmente nas relações islamo-cristãs). Visto como um campeão da sinodalidade e da coesão social na Europa multicultural. Pouco conhecido, mas altamente respeitado nos círculos reformistas. Capaz de estabelecer uma ponte entre o Sul global e as prioridades europeias. Alavancagem dos sinais fracos: Representa o tipo de outsider ao estilo de Francisco que dá prioridade à inovação pastoral em detrimento das batalhas doutrinárias.

2. Cardeal Fridolin Ambongo Besungu (RD Congo, 65 anos, diocesano). Sinais-chave: Voz consistente a favor da justiça ecológica (Laudato Si') e da paz. Muito ativo nas discussões sinodais africanas Representa o Sul Global e a liderança católica pós-colonial. Proeminente na abordagem de crises locais (violência, deslocamento climático). Alavancagem de sinal fraco: A sua elevação assinalaria a continuidade com o enfoque de Francisco nas margens e na ecologia integral - além de um papado africano histórico.

3. Cardeal Pierbattista Pizzaballa (Jerusalém, 60 anos, diocesano). Sinais-chave: Profunda experiência com minorias religiosas e conflitos inter-religiosos. Confiança do Papa: escolhido para Jerusalém num momento crítico. Não está nos radares da maioria dos apostadores, mas é cada vez mais visível. Proeminente durante as recentes crises do Médio Oriente. Sinal fraco Alavancagem: Poderia emergir como uma escolha surpresa geopolítica-alguém simbólica e diplomaticamente poderoso para um mundo devastado pela guerra.

4. Cardeal Daniel Sturla (Uruguai, 65 anos, diocesano) Sinais-chave: Líder pastoral tranquilo numa América do Sul secularizada. Alimenta um registo jesuíta sem pertencer aos jesuíta. Visto como uma figura neutra e unificadora entre os cardeais latino-americanos. Lida com desafios seculares sem polarização. Alavancagem de sinal fraco: Não é frequentemente citado, mas bem posicionado para espelhar o efeito Francisco: latino-americano, pastoral, não-curial, discretamente eficaz.

5. Cardeal José Tolentino de Mendonça (Portugal, 59 anos, Curial). Sinais-chave: Poeta-teólogo de renome com profundidade cultural. Nomeação pessoal do Papa para chefiar o Dicasterio da Cultura e Educação do Vaticano. Apelo global através da arte, da academia e da literatura. Encarna uma forma profundamente humanista de evangelização. Alavancagem de sinal fraco: Poderia apelar tanto a moderados como a progressistas como um “papa da cultura” numa época de fragmentação social e saturação dos media.

6. Simulações de Votação Estratégica

Partindo do precedente de 2013, foram simuladas dinâmicas onde candidatos inicialmente marginais tornam-se opções de compromisso viável - e até preferida - nos rounds decisivos do conclave procedendo-se a uma simulação estratégica com 135 Eleitores.

6.1 Modelo de simulação adotado

Segundo analistas como John L. Allen Jr., Gerard O'Connell e colunistas do Crux, La Stampa, America Magazine e The Tablet, o perfil ideal para o próximo Papa inclui:

1. Representatividade Global: capacidade de comunicar com toda a Igreja, especialmente o Sul Global.
2. Carisma Pastoral: figura próxima das pessoas, mais pastor que administrador.
3. Sensibilidade Sinodal: continuidade (ou adaptação) do caminho sinodal sem polarizações.
4. Competência Curial: conhecimento da Cúria sem ser figura do “aparelho”.
5. Capacidade de Construir Pontes: entre tendências e geografias da Igreja.
6. Inteligência Geopolítica: consciência de conflitos, autoritarismos e relações Igreja-Estado.

6.2 Resultados das rondas de votação

A simulação do conclave seguiu uma lógica de rondas sucessivas com distribuição proporcional de votos entre oito candidatos (favoritos e emergentes). A partir do quarto round, introduziu-se uma majoração estratégica para dois candidatos “surpresa”: Jean-Marc Aveline (mais aceite) e José Tolentino de Mendonça (menos esperado), visando garantir a sua presença nas rondas finais.

O resultado da ronda final, colocou o candidato Jean-Marc Aveline com 92 votos, seguido do candidato Matteo Maria Zuppi com 28 votos e, por fim, José Tolentino de Mendonça com 15 votos.

6.3 Características dos finalistas

As características dos três mais votados na última ronda, apresentam-se de seguida, sendo complementada pelo seu grau de aprovação face aos analistas do vaticano - *vaticanistas*:

Jean-Marc Aveline - Eleito (92 votos)

- Representatividade Global: França multicultural.
- Carisma Pastoral: presença serena e respeitada.
- Sinodalidade: destaque no processo francês.
- Curialidade: indireta, mas confiável.
- Construção de Pontes: diálogo cristão-muçulmano.
- Geopolítica: migração e pluralismo europeu.
- Por que agrada aos vaticanistas: um “Francisco 2.0” com autoridade moral e empatia cultural.

Matteo Maria Zuppi - Compromisso (28 votos)

- Representatividade Global: presença internacional via Sant'Egidio.
- Carisma Pastoral: muito popular na Itália.
- Sinodalidade: liderança do sínodo italiano.
- Curialidade: presença equilibrada.
- Construção de Pontes: “bispo do diálogo”.
- Geopolítica: missão na Ucrânia .
- Por que agrada aos vaticanistas: centrista com visão espiritual e diplomática.

José Tolentino de Mendonça - Surpresa (15 votos)

- Representatividade Global: Portugal com alcance lusófono.
- Carisma Pastoral: mais intelectual que paroquial.
- Sinodalidade: estilo dialogante e cultural.
- Curialidade: Prefeito de Cultura e Educação.
- Construção de Pontes: menos testado pastoralmente.
- Geopolítica: atento às transformações culturais.
- Por que chama à atenção: “o papa da cultura” - símbolo de uma nova linguagem teológica e estética.

Tendo presente o resultado da simulação alicerçada na exploração de cenários de sinais fracos e dado o facto de surgir na última ronda um candidato português, embora derrotado, colocou-se ainda a hipótese: **o que seria necessário para José Tolentino vencer?**

A resposta indicia que para que o Cardeal José Tolentino de Mendonça se tornasse o favorito e superasse candidatos como Jean-Marc Aveline e Matteo Zuppi, seriam necessários diversos deslocamentos estratégicos e simbólicos no processo do conclave, nomeadamente:

1. Reconfigurar a Sua Imagem: de Poeta a Profeta

Tolentino é muitas vezes visto como teólogo e intelectual. Para ser eleito, precisaria ser percebido como “voz profética para um mundo ferido”:

- Oferecendo uma visão de cura pós-pandemia e pós-conflito.
- Um humanismo espiritual com apelo entre os jovens e os artistas.
- Um papado centrado na reconciliação, empatia e beleza.

“Um Papa que compreende a alma da humanidade em crise - não apenas as instituições da Igreja.”

2. Formar Alianças Estratégicas

Tolentino teria de unir blocos diversos:

- Moderados curiais que querem sofisticação cultural sem rutura.
- Bispos do sul global que valorizam os laços lusófonos.
- Europeus que apreciam sua inteligência e ausência de radicalismo.

3. Um Evento Global que Mude as Prioridades

Alguns cenários que favorecem Tolentino:

- Crise internacional envolvendo religiões ou cultura.
- Escândalos ou impasses institucionais na Cúria.
- Movimentos juvenis que exigem autenticidade espiritual.

4. Apoio Decisivo nas Rondas Intermédias

Uma viragem decisiva no conclave exigiria:

- Que Zuppi ou Aveline estagnassem em votos
- Que um grupo de cardeais (ex: latino-americanos) projectasse Tolentino como unificador silencioso.
- Um discurso ou gesto que o revelasse como “a consciência da Igreja”.

Para uma eleição de Tolentino, em 135 cardeais eleitores, seriam necessários 45 votos iniciais para que Tolentino fosse relevante nas últimas rondas:

- 20-25 do bloco lusófono e cultural curial
- 10-15 da América Latina cansada da polarização
- 10 da Europa centrista
- Apoio final de África e Ásia buscando uma figura “escutante e global”

Ainda na sequência da pergunta feita sobre a probabilidade da eleição do cardeal José Tolentino de Mendonça, produziu-se um cenário alternativo com base na eleição de João Paulo II em 1978.

Esse conclave, constitui um precedente histórico poderoso. Pois, Karol Wojtyła era um cardeal jovem, de perfil filosófico e pastoral, vindo de uma nação periférica da Europa, e não figurava entre os favoritos. A sua eleição respondeu ao desejo de rutura simbólica, abertura a outras geografias e renovação espiritual profunda.

Com base nessa lógica, simulou-se também uma eleição contemporânea com **três cenários alternativos**, usando os atuais *papabili* e aplicando o modelo de “surpresa consolidada”:

Cenário A - Ruptura Geográfica

Eleito: Fridolin Ambongo Besungu (Congo)

- Representa uma África pós-colonial, com discurso forte em justiça climática.
- Seria o primeiro Papa africano em séculos.
- Apoiado por cardeais que desejam descentralização radical da Cúria.

Cenário B - Ruptura Teológica e Cultural

Eleito: José Tolentino de Mendonça (Portugal)

- Eleição marcada por desejo de nova linguagem e estética espiritual.
- Sem vínculos curiais tradicionais, mas com respeito no mundo académico.
- Catalisado por blocos cansados da polarização institucional.

Cenário C - Ruptura Pastoral e Integradora

Eleito: Pierbattista Pizzaballa (Jerusalém)

- Surpresa geopolítica com forte simbolismo: um Papa vindo da Terra Santa.
- Capacidade diplomática inter-religiosa em zona de conflito.
- Consenso construído a partir de um gesto simbólico no conclave.

A simulação mostra que em 2025, tal como em 1978, o desejo de transformação através da ruptura poderia catapultar figuras inicialmente periféricas, como é atualmente Tolentino de Mendonça, para o centro da decisão papal. Tudo depende do momento, da conjuntura internacional e da convergência simbólica.

7. Conclusão: Lições e Recomendações

A sucessão ao Papa Francisco, marcada pela imprevisibilidade típica dos conclaves, abre um espaço fértil para a aplicação de metodologias de *Foresight* que vão além da mera análise das apostas e dos favoritos mediáticos.

Este relatório demonstrou como a combinação de análise de sinais fracos, simulações de votação e cenarização estratégica permite antecipar dinâmicas possíveis e desvelar candidatos que, embora periféricos no radar das previsões tradicionais, possuem potencial simbólico, pastoral e geopolítico para emergirem como consensos viáveis.

O estudo de caso da eleição de Francisco em 2013, quando Jorge Mario Bergoglio ascendeu ao papado apesar de não figurar entre os nomes mais cotados, serviu de inspiração metodológica para explorar cenários similares na sucessão de 2025. Tal como em 2013, a escolha papal poderá refletir não apenas jogos de poder, mas um desejo profundo de renovação simbólica, pastoral e global. Por sua vez, a eleição de João Paulo II em 1978 pode introduzir outra dimensão a ter presente no conclave de 2025. Nesse caso, a busca de ruptura, também aqui com resultados não previsíveis nas análises dos media e dos vaticanistas.

Esta análise produziu, também, um conjunto de contributos para futuros exercícios de prospectiva sobre conclaves, nomeadamente:

1. Limitações das previsões Tradicionais

As análises focadas exclusivamente em experiência curial, nacionalidade ou visibilidade mediática tendem a subestimar fatores simbólicos, periféricos e emergentes. A eleição de Francisco demonstrou a importância de olhar para fora dos círculos habituais de poder.

2. Potencial de emergência dos “Outsiders”

A metodologia de sinais fracos revelou cinco *papabili* com potencial significativo, entre os quais Jean-Marc Aveline e José Tolentino de Mendonça, candidatos que, mesmo sem o peso curial clássico, alinham-se com temas emergentes como sinodalidade, justiça climática, diálogo inter-religioso e nova linguagem teológica.

3. Importância da configuração estratégica no Conclave

As simulações mostraram que o resultado das votações pode ser altamente influenciado por realinhamentos de blocos, alianças táticas e gestos simbólicos nas fases intermédias. Em cenários modelados, Tolentino poderia emergir como Papa caso ocorresse uma estagnação dos frontrunners e uma reconfiguração em torno da sua figura como conciliador cultural e espiritual.

4. A centralidade do momento e da narrativa

A história dos conclaves demonstra que a eleição papal é sensível ao contexto histórico, aos acontecimentos globais e ao ambiente emocional do Colégio Cardinalício. Escândalos, crises internacionais ou exigências sociais por mudança podem catalisar a escolha de um perfil considerado inicialmente improvável.

Este relatório apresenta alguns caminhos possíveis, bem como recomendações, para o desenvolvimento de estudos prospectivos sobre conclaves. Nomeadamente, da necessidade de manter a atenção às dinâmicas intercontinentais e às vozes das Igrejas periféricas. Bem como, da análise dos discursos, homilias e gestos simbólicos de cardeais menos mediáticos. Por sua vez, importa também alargar as temáticas a ter presente, como a sinodalidade, a justiça climática, a ética digital, e o cuidado pastoral em tempos de crise global e como esses moldam as expectativas sobre o perfil do próximo pontífice. Por último, há que ter presente as possibilidades de mudança de prioridades nas últimas rondas de votação no conclave, quando as alianças podem romper-se e os candidatos de consenso podem emergir como soluções inesperadas.

Considerações finais

A sucessão papal, embora guiada pelo Espírito Santo segundo a tradição eclesial, é também um campo de decisão humana, de leitura dos sinais dos tempos e de interpretação das necessidades da Igreja. A história recente ensina que o próximo Papa pode muito bem ser aquele que, hoje, não lidera as bolsas de apostas — mas que melhor encarna a síntese entre tradição e renovação, entre globalidade e proximidade pastoral, entre escuta e liderança.

Deste modo, a metodologia de *Foresight* aplicada neste relatório convida a uma abertura interpretativa e a uma vigilância estratégica, reconhecendo que a chave da escolha poderá estar menos na força institucional e mais na capacidade de inspirar esperança, unidade e diálogo num mundo fragmentado.

Dossier Papabili

Jean-Marc Aveline - França - Arcebispo de Marselha. Um cardeal moderado e profundamente pastoral, conhecido pela sua ênfase no diálogo inter-religioso, especialmente com as comunidades muçulmanas. Teologicamente alinhado com Francisco e um forte defensor da sinodalidade.

Fridolin Ambongo Besungu - RD Congo - Arcebispo de Kinshasa. Uma das principais vozes africanas em prol da justiça social e da proteção do ambiente. Presidente do SECAM e ativo no combate à instabilidade política na África Central.

Pierbattista Pizzaballa - Jerusalém - Patriarca latino de Jerusalém. Um franciscano com anos de experiência numa das funções religiosas mais sensíveis do ponto de vista geopolítico. Figura-chave da cooperação inter-religiosa.

Daniel Sturla - Uruguai - Arcebispo de Montevidéu. Conhecido pelo seu equilíbrio pastoral e profundidade espiritual, Sturla é uma voz de influência jesuíta no episcopado latino-americano e um modernizador pragmático.

José Tolentino de Mendonça - Portugal - Prefeito do Dicastério para a Cultura e a Educação. Teólogo poético e ensaísta amplamente publicado, representa a ala cultural-intelectual da Igreja.

Matteo Maria Zuppi - Itália - Arcebispo de Bolonha. Conhecido pelo seu carisma, pelo trabalho de paz com a Comunidade de Santo Egídio e pela liderança da Conferência Episcopal Italiana. Popular entre os reformadores.

Pietro Parolin - Itália - Secretário de Estado do Vaticano. Diplomata experiente, de confiança nos assuntos internacionais e influente nas negociações da reforma curial.

Luis Antonio Tagle - Filipinas - Prefeito para a Evangelização. Figura enérgica, mediática e emotiva, com um grande número de seguidores na Ásia e no resto do mundo. Antigo Arcebispo de Manila.

Stephen Brislin - África do Sul - Arcebispo da Cidade do Cabo. Foi recentemente elevado ao Colégio dos Cardeais, o que confere maior destaque às questões da África Austral. Tem uma orientação pastoral e sinodal.

Anders Arborelius - Suécia - Bispo de Estocolmo. O primeiro cardeal sueco, simbolizando o alcance da Igreja na Europa secular. Um líder contemplativo e pastoralmente fundamentado.

Charles Maung Bo - Myanmar - Arcebispo de Yangon. Um forte defensor da liberdade religiosa e da paz durante as crises políticas de Myanmar. Antigo presidente da FABC.

Raymond Leo Burke - EUA - Antigo prefeito do Supremo Tribunal Apostólico. Conhecido pelas suas fortes posições tradicionalistas e pelas críticas ao Papa Francisco.

Willem Eijk - Países Baixos - Arcebispo de Utrecht. Teólogo conservador com opiniões fortes sobre bioética e doutrina católica. Voz proeminente em matéria de clareza moral.

Péter Erdő - Hungria - Arcebispo de Esztergom-Budapeste. Académico de direito canónico e intelectual de destaque na Igreja Europeia.

Fernando Filoni - Itália - Grão-Mestre da Ordem Equestre do Santo Sepulcro. Antigo diplomata e diretor da Congregação para a Evangelização dos Povos.

Kurt Koch - Suíça - Presidente do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos. Empenhado no diálogo ecuménico e na investigação teológica conservadora.

Gerhard Ludwig Müller - Alemanha - Antigo prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Conhecido pelo seu conservadorismo intelectual e pela sua posição crítica em relação às reformas da era de Francisco.

Albert Malcolm Ranjith - Sri Lanka - Arcebispo de Colombo. Fortemente litúrgico e tradicional, com um perfil nacional nas tensões político-religiosas do Sri Lanka.

Robert Sarah - Guiné - Antigo Prefeito da Congregação para o Culto Divino. Reverenciado entre os tradicionalistas pelo seu ascetismo e pela defesa do silêncio no culto.

Angelo Bagnasco - Itália - Arcebispo emérito de Génova. Antigo presidente da Conferência Episcopal Italiana, com experiência curial.

Marc Ouellet - Canadá - Chefe emérito do Dicastério para os Bispos. Uma voz importante durante as eras de João Paulo II e Bento XVI, com um perfil em declínio.

Mauro Piacenza - Itália - Ex-penitenciário-mor. Teologicamente conservador, com experiência no governo da Igreja e no direito canónico.

Fonte: <https://collegeofcardinalsreport.com/>

Bibliografia

Fontes Sugeridas sobre Conclave e Papado

- Allen Jr., John L. (2013). *The Francis Miracle: Inside the Transformation of the Pope and the Church*. Time Books.
- O’Connell, Gerard (2019). *The Election of Pope Francis: An Inside Account of the Conclave That Changed History*. Orbis Books.
- Crux Now (2023–2025). <https://cruxnow.com/>
- La Stampa – *Vatican Insider*. <https://www.lastampa.it/vatican-insider/>
- America Magazine – <https://www.americamagazine.org/>
- The Tablet. <https://www.thetablet.co.uk/>
- Reuters (21–22 abril 2025). Diversos artigos: *Who could be the next pope? Some possible candidates*. <https://www.reuters.com/world/who-might-succeed-pope-francis-some-possible-candidates-2025-04-21/>

Fontes Sugeridas sobre Sinais Fracos e Foresight

- Hiltunen, Elina (2008). *The future sign and its three dimensions*. *Futures*, Vol. 40, Issue 3, pp. 247–260.
- Mendonça, Sandro; Cardoso, Gustavo; Caraça, João (2012). *The strategic strength of weak signal analysis*. *Futures*, Vol. 44, Issue 3, pp. 218–228. <https://doi.org/10.1016/j.futures.2011.10.005>
- Voros, Joseph (2003). *A generic foresight process framework*. *Foresight*, Vol. 5, No. 3, pp. 10–21.
- Dator, Jim (2009). *Alternative Futures at the Manoa School*. *Journal of Futures Studies*, Vol. 14, No. 2, pp. 1–18.
- Schoemaker, Paul J.H. (1995). *Scenario Planning: A Tool for Strategic Thinking*. *Sloan Management Review*, Winter 1995.

Ferramentas Computacionais e Modelos Utilizados

- OpenAI (2024–2025). GPT-4 / GPT-4 Turbo. Modelos linguísticos utilizados para análise, simulação e redação.
- Simulações de Votação: Algoritmos em Python com uso de bibliotecas *pandas* e *random*.
- Metodologias de Foresight: Frameworks como Futures Wheel, Weak Signals Analysis e Scenario Archetypes (GBN).

Outras Fontes

- College of Cardinals Report (2025). Lista de papabili. <https://collegeofcardinalsreport.com/>
- Vatican News (2024–2025). <https://www.vaticannews.va/>
- Vatican.va. <https://www.vatican.va/>